

OS ANARQUISTAS

NO

MOVIMENTO OPERÁRIO

TESE

apresentada pelo grupo editor da

PROCEURA SOCIAL

à

CONFERÊNCIA ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

REUNIDA EM LISBOA

em

27 e 28 de JUNHO DE 1914

escrita por Clémens Vasco,
apresentada por Aurélio Quintanilha

OS ANARQUISTAS E O MOVIMENTO

Após o MOVIMENTO OPERÁRIO - camargo-
nante da Comuna de Paris, com a relativa mediocridade de revolu-
cionários, e a dissolução O ANARQUISMO NA INTERNACIONAL, o do
revolução. Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal
anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revol-
tas e aspirações populares do passado, - porque isso perde-se
vagamente na noite dos tempos, - mas sim o aparecimento dum mo-
vimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas
as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo
como expressão do movimento operário, vamos encontrá-lo "sin-
dicalista" antes do termo, no seio da Internacional e das as-
sociações internacionais de que Bakunine foi o principal ins-
pirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pen-
samento de Proudhon e dos socialistas franceses. Para verifi-
car este aserto, basta ler os escritos daquela época, como,
por exemplo, os quatro límpidos artigos publicados por Bakuni-
ne, em meados de 1869, na Égalité de Genebra, e ainda recente-
mente reunidos em folheto pela Vie Ouvrière, sob o seu título
original: A política da Internacional. Ou então a brochura de
James Guillaume ideias sobre a organização social, há pouco
reeditada em italiano pelo nosso camarada Luís Fabbri e depois
pelo órgão da União Sindical Italiana; - o primeiro para pro-
paganda anarquista e o segundo para propaganda sindicalista re-
volucionária. Ela, tornou a unificar-se a pará revolucionária. Os
sindicalistas. O movimento anarquista formou-se, pois, no seio das
associações operárias, em países com tradições revolucionárias
e suficiente experiência democrática. Operário, através de pro-
priedade. Entretanto, a Internacional era composta de sindicá-
tos operários (sociedades de resistência) e de ^{centros de estudos sociais} ~~ou~~ ^{ou}
grupos de ideias. Hoje concebe-se mais claramente, embora não
inteiramente de novo, a diferenciação necessária entre os ór-
gãos e funções do movimento operário ^(ou) e de partido político-so-
cial, ^(entre os) de luta de classe ^(ou) e de propaganda e acção revolucionária.

ANARQUISMO E SINDICALISMO

Após a desastrosa guerra franco-prussiana, o esmagamento da Comuna de Paris, com a relativa hecatombe de revolucionários, e a dissolução da internacional, veio um período de reacção burguesa e de abatimento proletário. As sociedades operárias encolheram-se, abandonando-se aos pequenos expedientes daquela espécie de reformismo que poderíamos chamar, apesar da aparente contradição dos termos, conservador.

Do seu lado, os anarquistas insularam-se, enfraquecidos pela repressão e desanimados ante a enormidade da tarefa, ante o espírito dominante nas corporações. O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou a definhar, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, por vezes ridículas, com infiltrações de individualismo burguês, ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de diletantes e de snobes. A tradição anarquista da Internacional pareceu por vezes quebrada, sobretudo em França, a despeito dos esforços de muitos militantes infatigáveis para chamar os anarquistas à consciência da sua missão e para os reconduzir ao terreno fecundo onde tomara corpo a nossa ideia. Lição severa para o futuro, pois as regressões, aparentes ou reais, do movimento operário tendem a desanimar muitos elementos revolucionários, que fazem accentuar ou perdurar com a sua retirada o recuo iniciado.

Por fim, tornou a esboçar-se a maré revolucionária. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato e do democratismo, adquiriam em França novo espírito; e os anarquistas, reanimados, lançavam-se de novo no movimento operário, atrás de pioneiros, entre os quais é preciso citar Pelloutier. O anarquismo levava o seu espírito, teóricamente enriquecido, convém dizê-lo, pois não inconvenientes lhe trouxera o isolamento; e recuperava em troca o seu carácter popular, de movimento prático de emancipação colectiva. Eis restada a tradição da Internacional, com os enriquecimentos da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Eis revivificado o ANAR-

quismo operário, às vezes sob o nome de "sindicalismo revolucionário," que é para muitos um simples eufemismo.

Há certamente várias espécies ou concepções de sindicalismo, como as há de anarquismo; e a cada passo, para saber se um sindicalista é na verdade ^(dos nossos) precisamos, não só de observar a sua acção cotidiana e de indagar o modo como entende a luta operária, mas também de o interrogar sobre a sua maneira de conceber a reorganização social. Mas se verificarmos que procede como nós e pretende o mesmo que nós, não nos prendamos demasiadamente com os nomes preferidos, não provoquemos azedumes, desconfianças e divisões por causa de palavras. Para o anarquista, os termos anarquismo e sindicalismo podem ser igualmente queridos: o primeiro para indicar o seu ideal de sociedade sem Estado (não, claro está, sem organização e sem influências interpessoais), de sociedade sem privilégio político e económico; o segundo para designar a necessidade da organização para a luta de classe, para a expropriação dos capitalistas e para a reorganização da sociedade, para exprimir ainda a suprema necessidade da associação voluntária.

O sindicalista considera o sindicato profissional como agrupamento de combate hoje e como grupo produtor na sociedade futura. Mas como concebe ele o funcionamento desse grupo? Se o pretende único e fechado, proprietário exclusivo dos meios de produção, o seu ideal é um neo-corporativismo medieval, que produzirá uma nova forma de servidão. A mesma coisa, se ele entreve uma comissão central a superintender na produção e uma burocracia sindical permanente: o seu fito é um Estado social-democrático, com uma nova divisão em classes. Para ser anarquista, deve querer o grupo profissional livre e aberto e não pode admitir a propriedade individual ou corporativa, nem uma nova classe burocrática; o seu ideal será a livre cooperação (determinada pelas necessidades a que todos voluntariamente se submetem) e o direito de cada um ao uso gratuito dos meios de produzir. O método de organização é a questão política essencial.

A ideia do sindicato ou sociedade de resistência cons-

tituindo o elo entre a sociedade presente e a futura, continuando amanhã em proveito de todos a produção hoje guiada pelo interesse duma classe, e a concepção duma sociedade como uma "federação económica" como a livre federação dos grupos produtores, são velhas no anarquismo da Internacional e no seu continuador.

Evidentemente, o sindicato actual não será transplantado para a sociedade comunista livre tal qual está. Hoje nem se modifica-se continuamente, na sua natureza profissional e no seu método de organização, sob a acção dos progressos técnicos e das ideias libertárias. Imagine-se, pois, a diferença, quando a produção, em vez de governada por uma classe em seu proveito, for directamente administrada pelos produtores em benefício de todos, quando forem suprimidos os parasitismos e serviços inúteis ou nocivos, quando a técnica, posta ao serviço de todos e dispende das forças de toda a sociedade, tomar um vulto prodigioso! Hoje, o sindicato é sobretudo uma associação para a luta.

Impossível é, pois, prever exactamente o modo de agrupamento na sociedade livre de iguais. Provavelmente, será múltiplo: o grupo profissional para a produção essencial (alimentação, vestuário, alojamento, etc.); o grupo de afinidades para satisfação das necessidades intelectuais, estéticas e morais; a livre Comuna, para os interesses locais. E as múltiplas federações livres, de sindicatos, de grupos por afinidades e de comunas, locais, regionais, mundiais,

Em todo caso, cremos que nenhum anarquista comunista deixará de concordar com Malatesta, quando este afirma a grande utilidade dos sindicatos no período de transição e especialmente durante a tormenta insurreccional. "Pode-se dum golpe derribar e destruir o governo, podem-se expropriar os detentores da riqueza, mas não se pode de um dia para o outro reorganizar sobre bases completamente novas a produção e a troca. Entretanto, a vida económica nas suas funções fundamentais não admite interrupção. É preciso comer todos os dias, depois é

preciso prover ao abastecimento das cidades, ao fabrico do pão, etc. E a satisfação destas necessidades, sem a qual a insurreição seria logo sufocada pela reacção do povo faminto, pode ser enormemente facilitada pelos sindicatos já organizados e prontos a continuar em vantagem de toda a população e trabalho que elles já executavam por conta dos capitalistas? *dos burgueses.*

O AUTOMATISMO SINDICAL

Vimos que, sob a designação de "sindicalista revolucionário", achanos as mais das vezes um anarquista. Contudo, é frequente usarem de preferência aquella qualificação os que, embora com as mesmas aspirações finais que nós, confiam inteiramente nas virtudes intrínsecas do sindicato: este, para elles, conduz automaticamente, fatalmente, à revolução social e a uma sociedade de produtores livres e iguais, mesmo independentemente da acção e propaganda duma minoria consciente. Afinal, a differença mede-se apenas em graus, pois não há anarquista que negue ao sindicato operário, agrupamento homogêneo de salarizados, a sua predisposição revolucionária, assim como não há sindicalista que dê crédito completo a essa nova forma de fatalismo económico (verdadeiro pendant e complemento do outro fatalismo anarquista), conformando com elle a sua acção - ou inacção.

A história do movimento operário em todos os países mostra-nos degenerações, recuos, longos estacionamentos, a luta de classe substituída pela colaboração com a burguesia, pela luta entre as corporações operárias, pelo reformismo estatal e patronal. No congresso anarquista de Amsterdão e noutras partes, Malatesta combateu essa concepção simplista da luta de classes, segundo a qual esta luta surge automaticamente, desde que se agrupam salarizados para defesa dos seus interesses imediatos, económicos e profissionais. Ora, entre os trabalhadores, tomados individualmente, e entre as corporações de officio ou categorias, há anteados conflitos e rivalidades de interesse, como, por exemplo, quando uma corporação reclama a construção de couraçados ou de arsenais (caso recente, em Itália), ou quando outra pede uma taxa aduaneira protectora, nociva para o povo em geral ou para outras categorias de operários.

Dizer que a luta de classe não nasce automática e fatalmente nas organizações corporativas, não é negá-las: nem isso pode ser acusado Malatesta, que é um dos mais lídicos representantes do anarquismo operário, - "de luta de classe" poderíamos chamar-lhe, - e que sempre propugnou a acção directa, enérgica e solidária, dos trabalhadores contra a classe burguesa. É pelo contrário defini-la e defendê-la contra as falsificações dos corporativistas, que nela incluem actos de luta intercorporativa e de colaboração com a classe patronal. A luta de classe é a luta pelos interesses gerais do proletariado, ou pelos interesses corporativos que não contrariam aquêles; e, para ser revolucionária, deve visar à abolição das classes. E infelizmente, não é só o parlamentarismo, o pseudo-socialismo parlamentar, que conduz à colaboração de classes e à negação da luta de classe: o corporativismo, sem a acção consciente dos revolucionários, a cada passo aí vai ter.

A LIBERDADE DE PROPAGANDA NO SINDICATO

A demasiada confiança no automatismo revolucionário do sindicato pode levar a dois erros: a descuidar a propaganda revolucionária, a considerar inútil e até nociva ou incômoda a acção das minorias libertárias no sindicato; e a julgar de pouca monta a questão do funcionalismo sindical retribuído e permanente.

A nosso ver, para que a organização operária de resistência se eleve, pela acção, pela experiência, pela discussão, à concepção superior dum interesse geral de classe, que possa abranger o de toda a humanidade pela integração de toda ela na classe única dos produtores úteis, possuidores em comum de todos os meios de produzir; a minoria consciente que actua no seu seio como fermento revolucionário deve evitar dois escolhos: o primeiro é a subordinação da organização operária a um partido político ou a adopção oficial duma doutrina, por mais revolucionária que seja; o segundo é, com o pretexto de independência, suprimir dentro do sindicato o franco e líal embate dos métodos e ideais, agindo no terreno e com os meios que o sindicato oferece.

Deade que os operários, convencidos da inutilidade ou insuficiência da acção e meios mutualistas, cooperativos, eleitorais e parlamentares, assim como do mal da inércia, se decidem a lutar contra a exploração capitalista, só podem constituir uma verdadeira força se se unem sobre o terreno dos seus interesses comuns, fora dos partidos e escolas doutrinárias. A violação deste princípio de organização económica traz a dispersão de forças ou dá-nos uma ficção, perigosa para o próprio ideal apreendido na tabuleta: as ideias duma minoria artificialmente atribuídas à maioria inocente.

Mas a independência ante os partidos e escolas, a auto-administração da organização operária, não implica a expulsão do seio do sindicato dos ideais e das inevitáveis reacções destes sobre a acção sindical. O sindicato não toma parte oficial em manifestações partidárias, não exerce funções que lhe não são próprias, age com os seus meios e no seu campo; mas nada mais. Unir forças não é nivelar tendências, nem abdicar opiniões. Pelo contrário. A alma da união está na tolerância e no respeito mútuo das opiniões, assim como a alma do movimento operário é a livre expansão das ideias - procurando conquistar, não os estatutos e as declarações oficiais, mas o espírito dos associados e das massas, para se traduzir espontaneamente em factos.

O FUNCIONALISMO SINDICAL

A questão do funcionalismo sindical não está posta em Portugal. Por um lado, não há funcionários pagos permanentes; e por outro, a inconsciência e a desorganização da massa exigem a iniciativa e a dedicação dos militantes.

Convém, porém, estarmos prevenidos contra o perigo dumha burocracia sindical, que contrariasse o fim do sindicalismo revolucionário e do anarquismo. Os funcionários permanentes, obrigados a um equilíbrio entre as várias tendências, paralisados pelas responsabilidades da sua situação, são levados a descurar, em seguida a dificultar e finalmente a trair a propaganda e acção revolucionárias, tendendo para se encerrar nas tarefas administrativas e estreitamente corporativas. É isso,

em geral, adquiriram influência e prestígio entre os sindicados, estes seguem anuíde os seus pastores, quase sempre sem perceber a mudança: tanto mais fáclmente, quanto mais se houverem acostumado a deixar aos seus funcionários e militantes o cuidado da acção e da iniciativa. O funcionalismo sindical pode ainda constituir uma ameaça numa remodelação social, tendendo a ficar como nova burocracia, estranha à produção, num novo Estado.

Sobretudo os anarquistas devem - salvo circunstâncias especiais, necessidades impreteríveis e irremediáveis de outro modo - conservar-se simples sindicados entre os sindicados, para suscitar energias, despertar consciências, impelir os indivíduos à acção directa e à gerência directa do trabalho.

ATTITUDE DOS ANARQUISTAS NO SINDICATO

Princiro que tudo, uma questão que diremos pessoal: o anarquista deve principiar por se fazer estinar e escutar. Questão de temperamento, de feitio, dir-se há; mas nós, que somos propagandistas, que queremos determinar vontades pela doutrinação e pelo exemplo, conhecemos por educar a nossa.

Componhamos para nós uma filosofia essencialmente anarquista, baseada em três princípios: a dúvida, derivada da inexistência duma certeza absoluta e porta aberta a novas verdades, a modificações nas ideias próprias; a tolerância, filha dessa dúvida e da necessidade do respeito alheio às nossas convicções; a acção, suprema necessidade da vida, e único modo de verificar hipóteses e descobrir verdades. A dúvida e a tolerância, sem a acção, seriam o scepticismo doentio e desfibrador, o negativismo estéril e impotente, a subserviência mole e apática. E agir sem um plano, modificável embora pela experiência, ou, por outro lado, segando uma fé cega e intolerante, seria andar às cabeçadas e correr ao encontro dos maiores desastres. Não sejamos zaragateiros inconsultos, nem críticos rabugentos e enervadores.

Livremo-nos sobretudo de criticar apenas sem dar o exemplo da iniciativa e da acção. Nos actos e movimentos que admuito moderadamente nos agradem, sejamos nós os mais activos e

dedicados, depois de termos francamente exprimido a nossa opinião, e trabalhando em todo caso na parte mais harmónica com as nossas convicções e no sentido por elas determinado. Não desco-rramos, não estorvemos a acção, sob pretexto de crítica; por-que, se o fizéssemos, não só perderíamos nós o crédito em breve, mas faríamos perder aos outros o benefício da experiência.

Nos conflitos e dissensões entre operários, digamos nós a palavra de tolerância e de concórdia: "paz entre nós, guerra aos senhores!" como se canta na Internacional. Os anarquistas não veem para desunir, mas para unir. Nós não temos interesses pessoais nem de partido a salvaguardar, não disputamos o domínio, como os políticos, - para os quais, aliás, a própria cordialidade serve de instrumento ~~de luta~~ nessa disputa. A nossa cordialidade não aspira... à presidência da República, mas a servir o nosso ideal e a promover entre os oprimidos e explorados uma união moral que, à falta duma identidade de ideias e aspirações, seja a primeira base da luta solidária contra os ams para emancipação comum. E desejando nós que os grupos produtores do futuro sejam tolerantes, livres e abertos, mais uma razão para desde já prepararmos esse estado de espírito nos sindicatos, primeiros núcleos da sociedade nova.

A PROPAGANDA ANARQUISTA NOS SINDICATOS

Os operários anarquistas reclamam o direito à livre expansão das suas ideias nos sindicatos, tanto mais que essas ideias são precisamente, antes de tudo, a independência da organização operária ante os partidos, a sua abstenção nas lutas políticas partidárias, o emprego exclusivo dos meios de acção directa próprios do sindicato e comuns a todos os salarizados. Os anarquistas querem que a luta operária seja directamente conduzida pelos próprios interessados, assim como pretendem que a re-organização ^(social) seja obra directa dos trabalhadores.

Em matéria de organização, reclamam a maior simplificação administrativa, a maior elasticidade, a mais perfeita realização possível dos princípios de autonomia e livre federação.

Quanto ao fim da actividade sindical, embora os preo-

cupe sobretudo a necessidade duma revolução social, bem como a urgência de dar ao maior número possível a consciência dessa necessidade, os anarquistas não desconhecem o inevitável e o indispensável dos melhoramentos e conquistas parciais. Fazem, porém, uma selecção, orientados pelos interesses gerais do proletariado, considerado como classe em vias de emancipação, e pelo bem duma humanidade livre e sem classes.

Os anarquistas apoiam o que poderíamos chamar reformas de economia operária, referentes ao trabalho e à oficina, girando no âmbito dos interesses directos dos trabalhadores e sujeitas à sua contínua fiscalização e acção directas, garantias únicas de realização. Também favorecem a acção directa e a pressão exterior sobre os poderes públicos, quando se trata dos interesses directos, morais ou materiais, do povo trabalhador.

Mas há uma classe de reformas, a cuja conquista, independentemente dos métodos de acção, o operariado não deve dedicar as suas forças organizadas, nem os anarquistas podem associar-se: são as reformas de economia burguesa (fomento, intensificação da indústria nacional, protecção ou livre comércio, reformas orçamentais, etc.), as quais conduzem à colaboração com a burguesia, dividem o proletariado em categorias rivais, dispersas pelos diferentes partidos políticos, franca ou disfarçadamente burgueses, e são para estes o melhor engodo destinado a atrair os trabalhadores ingénueos.

AS REFORMAS ECONÓMICAS BURGUESAS

Em todos os países, mesmo nos mais industriais, quando os operários reclamam melhorias, respondem-lhes com o deficit do orçamento ou da produção, ou com a incapacidade das indústrias, ou com a concorrência estrangeira, etc. O que os operários (ou os militantes por eles) devem responder é o seguinte:

- Arranjem-se lá como puderem. Vocês é que tem a administração: só vocês poderão e deverão tratar do desenvolvimento industrial e da distribuição dos encargos entre iguais, habilitando-se a satisfazer as nossas reclamações inadiáveis. Lá se avenham uns com os outros; nós queremos ter uma existência

humana e tornar mais livre o trabalho. Já que não administramos directamente as coisas, já que são vocês os detentores e directores de tudo, assumam as relativas responsabilidades. E, se não podem, arreiem: abandonem o posto...

Quando muito, à laia de argumento, para retrucar ao hipócrita "não podemos" capitalista, poderão os operários indicar o que os detentores da riqueza social deveriam fazer, em matéria de fomento, aplicação de receitas, desenvolvimento das indústrias, aperfeiçoamentos técnicos, etc.

E para esporear os capitalistas nas medidas e trabalhos de utilidade geral, tem os operários as suas reclamações de salários, horas de trabalho, higiene e melhoramento da oficina, etc. Essas conquistas, quando restringidas a um grupo ou a poucos grupos de trabalhadores, são recuperadas pelos patrões sobre a massa produtora e consumidora. Mas se elas se generalizam, se a todo o operariado se estende o movimento de reivindicações, as repercussões encontram forte resistência, tendem a provocar novas exigências operárias, e os patrões e governantes tratam de as evitar, refazendo-se de outro modo: repartindo entre si os encargos de maneira diversa, aumentando a produção, barateando os produtos por meio de novos processos técnicos, etc. O desenvolvimento industrial de muitos países tem em boa parte essa explicação. Mais uma razão para a generalização da organização e movimento operários.

A acção operária, de classe, independente e livre de compromissos e colaborações nefastas, não é só caracterizada pelo método, pela luta directa, mas ainda pela natureza das reivindicações. Saindo dela, o sindicato contradiz a sua missão, desune, em vez de unir. Os anarquistas é que não podem aceitar formas capitalistas, que empurram o operariado para a colaboração com a classe burguesa, para a criação de categorias operárias antagónicas e para a formação de sub-classes privilegiadas no seio do proletariado.

Chegados ao fim do nosso trabalho, que aliás maiores desenvolvimentos demandaria, condensamo-lo em poucas conclusões.

CONCLUSÕES

a) Consideramos o sindicato como agrupamento necessário de luta de classe, para defesa imediata dos interesses morais e materiais dos trabalhadores, e como primeira célula da sociedade renovada, assegurando a indispensável continuidade da vida social;

b) Vemos no sindicato um terreno admiravelmente predisposto para a sementeira das nossas ideias - ideias de emancipação dos oprimidos e abolição das classes, expressão das necessidades populares e consequência lógica do movimento operário; mas achamos imprescindível essa sementeira, a acção duma minoria revolucionária consciente e activa dentro da organização sindical;

c) Desejamos sindicatos independentes dos partidos políticos, administrando-se a si próprios, ³abertos a todos os trabalhadores de qualquer crença ou opinião, ²agindo com os seus próprios meios, ⁴dando a todas as convicções liberdade de expansão e de discussão;

d) Temos como necessária e educativa a acção directa e incessante dos trabalhadores organizados para melhoramento das suas condições; mas reputamos nefastas as reformas que, com qualquer método de acção, criam antagonismos operários e levam à colaboração de classes, ou ao fortalecimento do Estado e ao desenvolvimento da sua burocracia.

Comaradas:

Onde quer que nos achemos, não percamos de vista o nosso fim - a expropriação da burguesia e a reorganização da sociedade por obra directa dos produtores úteis, em vantagem de todos; e o meio supremo para esse fim: a revolução social, revestindo provavelmente a forma de greve geral, imediatamente insurreccional e expropriadora, a abrir o caminho a novas possibilidades, a criar condições para novas formas de vida.

Lancemos, pois, desde já, no cadinho dessa revolução que se elabora, o otro puro das nossas ideias e esforços integrais, para obter a melhor liga possível, susceptível de se purificar em breve com novas adições.